

10, 11 e 12 de novembro de 2025

POLITÉCNICO DO PORTO / ISCAP
PORTO - PORTUGAL

ALÉM DOS DADOS: A ATUAÇÃO DO CIENTISTA DA INFORMAÇÃO NA MEDIAÇÃO SOCIOCOGNITIVA DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Willian Lima Melo, Universidade Federal de Alagoas, <https://orcid.org/0000-0001-9298-1333>, Brasil, willian.melo@delmiro.ufal.br

Izadora Lopes Garcia Nascimento, Universidade Federal de Alagoas,
<https://orcid.org/0009-0004-8949-4314>, Brasil, izadora.nascimento@ascom.ufal.br

Exo: Tendências na Formação e Educação em Ciência da Informação

1 Introdução

A divulgação científica trata das ações dedicadas à disseminação da ciência para audiências mais abrangentes e, consequentemente, parcial ou totalmente não-especializadas (Bueno, 2010). Em um contraponto às ações da comunicação científica, é possível afirmar que a divulgação se atém a decodificar a linguagem técnico-acadêmica, promovendo uma adaptação do nível do discurso, com o intuito de capilarizar as produções científicas.

De acordo com Targino e Torres (2014), a ciência e a tecnologia (C&T) possuem um caráter intrinsecamente ligado ao social. Dessa forma, pesquisadores e agentes científicos não devem encarar suas atividades apenas sob a ótica da produção do conhecimento especializado, mas também se reconhecerem como atores fundamentais no processo de democratização do saber formal.

Nesse sentido, as autoras defendem que as práticas de pesquisa científica e de divulgação do conhecimento produzido não são ações separadas ou secundárias, mas sim dimensões complementares e indissociáveis de uma mesma atividade. Sendo assim, papel dos pesquisadores pensar em soluções para disseminar suas produções de forma acessível ao público geral, seja de maneira autônoma ou

recorrendo a divulgadores científicos especializados. Esse compromisso é essencial no enfrentamento do analfabetismo científico, que representa um dos principais obstáculos à participação crítica e informada da sociedade nas questões que envolvem ciência, tecnologia e suas implicações éticas, políticas e sociais (Targino & Torres, 2014).

Albagli (1996), de maneira convergente, afirma que a divulgação científica se orienta para três dimensões principais, alinhadas à responsabilidade social dos agentes científicos: a educacional, a cívica e a de mobilização popular. Ao considerar tais aspectos, é possível afirmar que a prática se distancia de uma apresentação genérica de dados, se consolidando como uma ação voltada, especialmente, à cidadania e a emancipação dos indivíduos.

Ao contrastar as características da divulgação e comunicação científica, Bueno (2010) afirma que as principais diferenças entre as duas práticas se concentram nos objetivos, no perfil do público, no nível do discurso e nos canais de veiculação. Por ser voltada para uma audiência mais abrangente, a divulgação científica precisa se concentrar em canais com maior poder de capilarização, como os meios de comunicação de massa tradicionais e mídias

sociais, e em uma linguagem menos técnica e rebuscada.

Considerando esses aspectos, é possível afirmar que as variações nos níveis de discurso, de *background* sociocultural, bem como as estratégias para manejar demandas informacionais presentes em públicos tão heterogêneos se constituem como um dos principais entraves para uma prática efetiva da divulgação científica. Isso acontece porque para que se estabeleça uma comunicação efetiva, é necessário adaptar a informação de acordo com o que os receptores já conhecem ou serão capazes de deduzir (Djik, 2020) sobre um determinado assunto ou temática.

Nesse sentido, a elaboração de um texto, especialmente no contexto da divulgação científica, não pode ser compreendida de forma dissociada dos fundamentos linguísticos que o sustentam. Os aspectos conceituais que estruturam o texto dependem, de maneira direta, das concepções de comunicação e da constituição dos sujeitos. Nesse sentido, adota-se, neste trabalho, a perspectiva proposta por Koch (2020), que entende o texto não apenas como uma simples materialização verbal de ideias, mas como uma atividade discursiva complexa, voltada, prioritariamente, para a realização das interações sociais. Assim, o texto é concebido como prática comunicativa situada, que se realiza em contextos específicos e que mobiliza, em sua constituição, diversos elementos linguísticos, cognitivos e sociais.

Entendem-se, desta forma, os textos voltados à disseminação de conteúdo científico como espaços dialógicos (Koch, 2015) nos quais interlocutores devem se relacionar de maneira efetiva. Nesse sentido, os profissionais da informação, em especial os cientistas da informação, estão aptos para atuar no processo de decodificação da linguagem científica, promovendo a integração entre os diversos agentes que compõem o sistema ciência-sociedade. Desde que, como afirma Moraes (2019), o processo formativo destes agentes sejam recorrentemente atualizado para abarcar perspectivas modelares de divulgação científica, em especial no contexto

do surgimento de novas Tecnologias da Informação (TICs).

Considerando tais fatores, define-se como problema a seguinte questão: como se configura a atuação dos cientistas da informação enquanto mediadores do processo sociocognitivo de divulgação científica em equipes profissionais multidisciplinares?

A divulgação científica, por sua natureza interdominial, configura-se como um campo de estudo transversal que dialoga com distintas áreas do conhecimento, entre elas, de forma especialmente relevante, a Ciência da Informação. Essa interdisciplinaridade permite abordagens teóricas diversificadas, possibilitando análises que contemplam tanto os aspectos comunicacionais quanto os informacionais envolvidos na mediação do saber científico.

A relevância de pesquisas que investigam essa temática justifica-se por seus potenciais impactos sociais, especialmente no que tange ao fortalecimento do pensamento crítico, na ampliação do acesso qualificado à informação científica e na promoção de uma cultura voltada para a valorização e defesa da ciência.

Nesse contexto, destaca-se a importância de delinear modelos de atuação voltados à divulgação científica que possam ser incorporados, de forma sistemática, ao escopo profissional e ao processo formativo dos cientistas da informação. Isso se deve ao papel estratégico que esses profissionais exercem na organização, mediação e disseminação do conhecimento, tornando-se agentes fundamentais para a construção de um bom relacionamento entre instituições científicas, seus pesquisadores e diferentes públicos.

Assim, ao centralizar a divulgação científica como objeto de estudo e de intervenção prática, contribui-se não apenas para o avanço da pesquisa na área, mas também para a consolidação de uma atuação socialmente comprometida e epistemologicamente fundamentada do cientista da informação.

O objetivo do presente estudo é refletir sobre os contextos cognitivos presentes na divulgação científica a partir das perspectivas

de ação do cientista da informação em equipes multidisciplinares de divulgadores da ciência.

Trata-se de um estudo exploratório com perspectivas pautadas em análises qualitativas. Recorreu-se a pesquisa bibliográfica.

2 Referencial Teórico

O conceito de divulgação científica assumiu diversos significados, contextualizados de acordo com os períodos históricos em que estavam inseridos (Nascimento, 2024). Em uma das definições mais aceitas no Brasil, ela é tratada como a prática de capilarizar a produção acadêmica para uma audiência não-especializada (Bueno, 2010), tendo objetivos, natureza dos canais, níveis de discurso e perfis de público que a diferenciam da comunicação científica entre pares e da divulgação de dados sem o devido tratamento informacional.

Para Targino e Torres (2014), a divulgação científica pode assumir diferentes objetivos voltados a questões e demandas sociais, dentre os quais se destacam as dimensões educacional, cívica e de mobilização popular. A dimensão educacional está diretamente relacionada ao processo de ampliação e aprofundamento do conhecimento científico por parte dos indivíduos, contribuindo para a formação de uma cultura científica que permita à população compreender, interpretar e aplicar conceitos científicos no cotidiano.

Já a função cívica refere-se ao papel da ciência na promoção de uma opinião pública crítica e bem informada, capaz de refletir sobre os impactos, benefícios e riscos das inovações científicas e tecnológicas no contexto social, ambiental e econômico. Essa dimensão envolve o desenvolvimento da capacidade de argumentação racional e fundamentada, fortalecendo o exercício da cidadania.

Por fim, a dimensão de mobilização popular diz respeito ao incentivo à participação ativa da sociedade nos processos de tomada de decisão, especialmente na formulação, avaliação e monitoramento de políticas públicas. Tal participação deve ocorrer com base em escolhas informadas e orientadas por evidências científicas, ampliando a

legitimidade das decisões coletivas e promovendo a corresponsabilidade entre os diversos atores sociais envolvidos.

Para tentar alcançar, ainda que parcialmente, tais objetivos, é necessário compreender que essa construção de textos de divulgação científica (em suas diferentes naturezas e gêneros), voltada para um público heterogêneo, demanda habilidades, canais, ferramentas e atividades planejadas (Burns, O'Connor & Stocklmayer, 2003) para dialogar, efetivamente, com indivíduos de diferentes níveis de instrução. Uma das principais dificuldades nesse processo, se constitui em apresentar massivamente informações, relativamente complexas, de forma inteligível, mas também útil e aplicável, para indivíduos que apresentam contextos cognitivos variados.

Segundo Vanoye (2007), a variação dos níveis de linguagem é um fenômeno relativamente comum, no qual, dentro de um mesmo contexto idiomático, influências sociais, econômicas, regionais, profissionais e ambientais constituem perturbações que podem afetar, dificultar ou até mesmo impedir o estabelecimento de uma comunicação efetiva.

Para que se estabeleça a compreensão entre interactantes (quem comunica e quem é comunicado) é preciso que seus contextos sociocognitivos sejam semelhantes ou que se tornem compatíveis através da mediação (Koch, 2015). Esses contextos, envolvem aspectos como o entorno sociocultural, conhecimentos prévios e o próprio nível de domínio da linguagem, sendo compartilhados por comunidades epistêmicas comuns.

A divulgação científica, compreendida como uma prática simultaneamente social e discursiva, exerce um papel fundamental na promoção do aprendizado e na circulação do conhecimento, ao tornar acessíveis os conteúdos produzidos no âmbito científico para públicos mais amplos e não especializados. Ao atuar como mediadora entre diferentes comunidades epistêmicas, essa prática requer a adoção de estratégias específicas que envolvam tanto a gestão do

conhecimento quanto a mediação dos diversos contextos sociocognitivos envolvidos na comunicação. Isso significa reconhecer que os sujeitos participantes desse processo possuem repertórios culturais, níveis de letramento científico e esquemas de compreensão distintos (Bueno, 2010) o que exige um trabalho discursivo cuidadoso, voltado à adaptação conceitual e linguística das informações científicas. Dessa forma, a eficácia da divulgação científica está diretamente relacionada à capacidade de administrar as assimetrias cognitivas entre os interlocutores, promovendo um diálogo que, embora fundado em saberes especializados, seja acessível, contextualizado e socialmente significativo.

Nesse sentido, estratégias de construção textual embasadas nas teorias da cognição e da sociolinguística permitem o entendimento do texto como um lugar de interação no qual existe um esforço mútuo estabelecido entre quem o produz e quem lê (Koch, 2015). Essas estratégias passam pelo tratamento da informação, seleção lexical, análise de público, emprego de analogias ou recursos de apoio textual/imagéticos, adequação ao gênero e à natureza dos canais (Nascimento, 2024). Um trabalho com demandas de natureza multidisciplinar, mas que exige curadoria centralizada em um profissional com expertise em mediação.

2.1 Convergências entre a mediação e a divulgação científica

A mediação, por sua vez, pode ser compreendida como uma intervenção, realizada pelo profissional da informação, que auxilia no processo de aprendizagem e na satisfação de uma necessidade informacional (Cabral & Souza, 2022). Ela se configura como um processo complexo que envolve a atuação de um agente facilitador capaz de promover a interação entre sujeitos com distintos níveis de competência informacional e os diversos ambientes e plataformas de acesso à informação.

Tal processo compreende múltiplas dimensões, como o uso, a circulação, a

disseminação, o fluxo e o acesso à informação, além da articulação de ações intencionais voltadas à promoção da interação entre os usuários e os conteúdos informacionais disponíveis.

Nesse contexto, para Martinês, Pascoal & Veronez Júnior (2022), o profissional da informação assume um papel central não apenas na organização, representação e sistematização dos dados, mas também na identificação das necessidades informacionais e na facilitação do acesso qualificado ao conhecimento. Assim, sua atuação ultrapassa as funções técnicas tradicionais, integrando a mediação como prática orientada ao desenvolvimento do conhecimento e à ampliação das capacidades cognitivas e críticas dos sujeitos envolvidos no processo.

De acordo com Almeida Júnior & Santos Neto (2014), o profissional que desempenha funções situadas na interface entre a informação e o usuário, atuando de forma a facilitar o acesso, a compreensão e, sobretudo, a promover a reflexão crítica sobre os conteúdos informacionais disponibilizados, pode ser caracterizado como um mediador da informação. Nesse contexto, o cientista da informação emerge como ator-chave ao facilitar a interação entre usuários com distintos níveis de competência informacional e os diversos recursos técnicos e digitais de acesso à informação.

Durante o processo de mediação, o cientista da informação desempenha o controle do fluxo informacional, contribuindo para a formação de estoques informacionais e para a seleção e representação de conteúdos relevantes aos usuários (Fachin, 2013). Essa atuação vai além da simples disponibilização de dados, uma vez que ela consiste em promover o acesso qualificado e a apropriação consciente do conhecimento.

Nesse sentido, é possível afirmar que os processos de mediação estão implícitos nas práticas de divulgação científica, uma vez que existem elementos comuns, como a presença de um agente de mediação, o emprego de técnicas discursivas próprias e o uso de

retóricas alinhadas à forma como se almeja apresentar o conteúdo científico. (Azevedo, Aires & Couto, 2005). Bem como é possível compreender a forma como instrumentos de mediação afetam a apropriação dos conhecimentos científicos pelos interlocutores.

2.2 O papel do cientista da informação em equipes multidisciplinares de divulgação científica

No contexto de uma equipe multidisciplinar de divulgação científica, o mediador é o indivíduo responsável pela triagem dos públicos que serão atingidos, pelo diagnóstico das necessidades informacionais, pelo estabelecimento de estratégias a serem empregadas nesse processo de decodificação da linguagem científica. Enquanto os demais profissionais podem se ater a questões operacionais da produção.

O jornalista científico é o profissional que trabalha na construção dos textos: seleção de léxico, da variante linguística e do gênero textual adequados (Nascimento, 2024). Ilustradores científicos, por sua vez, são responsáveis pelas representações gráficas das informações, como infográficos, desenhos, esquemas, diagramas e mapas.

Suas ações são complementares à produção textual, ajudando a explicar ou a visualizar conceitos, bem como a destacar pontos importantes. Para Johnsen (2022), o uso cada vez mais massivo de mídias sociais para divulgar ciência aumentou o interesse na comunicação visual e nas ferramentas do design voltados à ciência.

Já o relações públicas científico é quem se ocupa do relacionamento entre os diversos atores que compõem o sistema ciência-sociedade. Ele deve interagir com a audiência, promover o feedback das ações de comunicação e assessorar a construção de um relacionamento de confiança (Borchelt, 2014).

Nesse sentido, é possível visualizar agências, escritórios ou assessorias voltadas à divulgação científica. Nesses espaços, a presença de um cientista da informação com perfil de mediação

se faz extremamente necessário para atuar, especialmente, na mediação sociocognitiva das iniciativas voltadas para a disseminação de conteúdos científicos.

Para a divulgação científica, o mediador da informação desempenha funções estratégicas fundamentais que contribuem significativamente para a circulação social do conhecimento. Uma das principais atribuições desse profissional diz respeito à intermediação e à filtragem do conhecimento. Nessa função, o cientista da informação atua na identificação, seleção e curadoria de conteúdos relevantes, considerando as necessidades cognitivas, os níveis de letramento informacional e os contextos socioculturais dos diferentes públicos aos quais esses conteúdos se destinam (Cabral & Souza, 2022). Tal atividade requer sensibilidade interpretativa e capacidade analítica para assegurar que o conhecimento seja transmitido de forma pertinente e eficaz.

Outra função essencial exercida por esse mediador é a articulação entre os saberes especializados e os públicos leigos. Nesse sentido, sua atuação envolve a adaptação do conhecimento técnico-científico para formatos e linguagens acessíveis, facilitando a compreensão e promovendo a reflexão crítica sobre os temas tratados (Nascimento, 2024). Ao promover essa ponte entre os espaços acadêmicos e a sociedade, o mediador contribui para a democratização da ciência e para o fortalecimento de uma cultura científica mais inclusiva e participativa.

Além disso, o cientista da informação atua como facilitador de fluxos informacionais dinâmicos, promovendo a circulação contínua de conhecimento em diferentes esferas da comunicação. Isso envolve a mediação de processos formais, como publicações científicas, relatórios técnicos e eventos acadêmicos e de processos informais, como redes sociais, mídias digitais e espaços colaborativos (Nascimento, 2024). Essa atuação é fundamental para garantir a legitimidade, a permanência e a renovação dos saberes em circulação.

O mediador também exerce um papel pedagógico importante ao fomentar o desenvolvimento de competências informacionais. Sua atuação estimula a alfabetização científica e promove a capacidade crítica dos indivíduos no que se refere à busca, avaliação e uso ético da informação. (Cabral & Souza, 2022). Ao capacitar os sujeitos para lidar com grandes volumes de dados e para discernir entre fontes confiáveis e desinformação, esse profissional contribui diretamente para a autonomia cognitiva e para o fortalecimento da cidadania informacional.

2.3 A linguística e a mediação sociocognitiva da divulgação científica

Para tanto, o apoio em princípios sociolinguísticos da construção textual pode ser utilizado pelos cientistas da informação para delinear estratégias de mediação nas ações de divulgação científica.

Para que a compreensão efetiva se concretize no processo comunicativo entre interlocutores, isto é, entre quem enuncia e quem interpreta a mensagem, é fundamental que haja uma relativa proximidade entre seus contextos sociocognitivos. Como aponta Koch (2015), a similaridade entre esses contextos é condição essencial para que os sentidos sejam construídos de forma convergente. Tais contextos envolvem uma variedade de elementos, como o repertório de conhecimentos prévios, as experiências acumuladas, o grau de domínio linguístico e o pertencimento a determinadas comunidades epistêmicas. Essas comunidades, por sua vez, compartilham um conjunto de saberes, valores e práticas que orientam a interpretação dos discursos produzidos em seu interior.

Nesse sentido, é indispensável a ativação e a representação de modelos cognitivos complexos, os quais não se limitam, embora os incluam, a elementos linguísticos como o léxico e as estruturas sintáticas. A construção de sentido, por parte do leitor, exige o acionamento de sistemas de conhecimento previamente armazenados em sua memória,

tanto de curto quanto de longo prazo, constituídos por domínios cognitivos diversos que são mobilizados na interação com o texto (Koch, 2020).

Nesse contexto, a compreensão não é resultado apenas da decodificação linguística, mas da articulação entre o que é dito e o que já é conhecido pelo sujeito. Ao produtor do texto, por sua vez, cabe o papel de estabelecer uma relação dialógica com seu interlocutor, adotando estratégias discursivas que possibilitem a aproximação entre os conhecimentos compartilhados e aqueles que se pretende introduzir (Koch, 1996). Tal adequação entre os sistemas de conhecimento do emissor e do receptor constitui uma condição essencial para a eficácia comunicativa da interação textual.

Assim, a construção textual destinada a públicos que compartilham uma base cognitiva comum tende a adotar como estratégia discursiva a não explicitação de certas informações. Van Dijk (2020) destaca que, em situações de comunicação entre membros de um mesmo grupo epistêmico, parte significativa do conteúdo pode permanecer implícita, uma vez que se presume que os interlocutores possuem competência suficiente para preencher lacunas a partir de conhecimentos linguísticos (como regras gramaticais e organização textual), situacionais (relacionados ao contexto de enunciação) e enciclopédicos (ligados ao conhecimento de mundo). A omissão intencional de determinadas informações, nesse caso, não compromete a eficácia comunicativa, pois ativa mecanismos inferenciais baseados em padrões já familiarizados pelo público.

Entretanto, quando se trata da divulgação científica — compreendida como uma prática social e discursiva voltada à mediação do conhecimento entre diferentes comunidades epistêmicas —, tal pressuposição de homogeneidade cognitiva não pode ser mantida. Pelo contrário, torna-se necessário adotar estratégias que considerem as disparidades nos contextos sociocognitivos entre produtores e receptores da informação. Conforme argumenta van Dijk (2020), essas

estratégias envolvem procedimentos sistemáticos de administração do conhecimento, que buscam adaptar conteúdos especializados a linguagens, formatos e referências acessíveis ao público leigo. Assim, o papel da divulgação científica não se limita à disseminação de informações, mas envolve também uma cuidadosa mediação que visa possibilitar a construção de sentidos, promover o aprendizado e fomentar o pensamento crítico em contextos socialmente diversos.

Do ponto de vista da linguística, existem dois modelos principais de divulgação científica (Moirand; Reboul-Touré; Ribeiro, 2016): o modelo a duas-vozes consiste na transmissão direta da informação entre o pesquisador e o grande público. Nesse caso, o discurso-fonte (conteúdo da produção científica). No modelo a três-vozes há um agente intermediário responsável pela recontextualização. Nesse modelo, é que se encaixa a presença do profissional da informação especializado em mediação.

2.4 A divulgação científica, os gêneros textuais e seus domínios discursivos

A noção de gênero discursivo, conforme proposta por Bakhtin (2020), refere-se à relativa estabilidade formal dos enunciados, os quais são concebidos como unidades concretas da comunicação, sejam eles orais ou escritos, resultantes da atividade de produção do discurso. De acordo com Marcuschi (2008), os gêneros se configuram como práticas sociais e textual-discursivas, funcionando como mediadores entre o discurso, compreendido como atividade comunicativa de caráter mais abstrato e universal, e o texto, entendido como sua materialização empírica e observável. Nesse sentido, os gêneros são considerados modelos socialmente reconhecíveis, moldados pelas condições e exigências das situações comunicativas em que ocorrem.

A complexidade dos discursos está diretamente relacionada à necessidade de elaboração de estratégias textuais para sua produção e compreensão. Para Bakhtin (2020),

a linguagem permeia todas as esferas da atividade humana, sendo, portanto, utilizada de maneira multifacetada. Essa multiplicidade se expressa por meio de diferentes graus de formalidade, intencionalidade e organização composicional, o que exige dos sujeitos competências específicas para lidar com essas variações.

Considerando a heterogeneidade das esferas de uso da linguagem, os gêneros do discurso também se apresentam de forma diversificada, abrangendo desde formas simples, como piadas e conversas informais, até formas complexas, como artigos científicos, teses acadêmicas ou reportagens investigativas (Koch, 2015). Bakhtin (2020) propõe uma classificação entre gêneros primários — associados à comunicação imediata, cotidiana — e gêneros secundários — mais elaborados, surgidos em contextos culturais complexos. Koch (2015), com base nessa perspectiva, ressalta que os gêneros são estruturados por três elementos principais: o plano composicional, o conteúdo temático e o estilo. Além disso, sua escolha está diretamente vinculada a fatores como a necessidade temática, o conjunto de participantes envolvidos e a intenção do locutor.

Desse modo, o processo de produção textual não ocorre de maneira aleatória ou absolutamente livre. A escolha de um gênero implica em restrições e condicionamentos estruturais e linguísticos que afetam desde o vocabulário empregado até o grau de formalidade e o tipo de organização textual mais adequado (Marcuschi, 2021). A utilização consciente de um gênero textual contribui para a inteligibilidade da mensagem e para a eficácia comunicacional, uma vez que oferece ao interlocutor uma expectativa de forma e conteúdo alinhada às suas necessidades informacionais.

Os domínios discursivos, por sua vez, constituem esferas sociais e institucionais que organizam práticas comunicativas específicas. Cada domínio comporta diversos gêneros textuais e regula seu uso por meio de normas e

convenções contextualmente determinadas (Marcuschi, 2008). A divulgação científica se insere no domínio discursivo instrucional, compartilhando esse espaço com práticas de natureza acadêmica e educacional. Como observa Bueno (2010), esse domínio se caracteriza por aspectos como o perfil do público-alvo, o nível de tecnicidade do discurso, os canais utilizados para a transmissão da informação e a multiplicidade de intenções comunicativas envolvidas.

Nesse contexto, considerando a concepção bakhtiniana de que os gêneros do discurso são definidos pela articulação entre intenção comunicativa, contexto social e composição textual (Bakhtin, 2020), é possível afirmar que as práticas de divulgação científica se materializam em gêneros específicos. Esses gêneros são estrategicamente selecionados a partir do intertexto socialmente compartilhado, entendido como “um conjunto de gêneros de texto elaborado por gerações anteriores e que podem ser utilizados, numa situação específica, com eventuais transformações” (Koch, 2015, p. 65). Tais transformações são fundamentais para a adequação do gênero às necessidades particulares de uma dada situação comunicativa, podendo, inclusive, resultar na criação de novos formatos discursivos.

A construção de ações eficazes de divulgação científica exige, portanto, a escolha de gêneros textuais que sejam sensíveis às especificidades do público e ao objetivo da comunicação. Isso inclui o uso de recursos metacomunicativos — como metáforas e analogias —, elementos multimodais — como imagens, gráficos e infográficos —, uma linguagem acessível e não técnica, e o emprego de argumentos de autoridade — como dados de pesquisa e citações de especialistas. Diversos gêneros textuais podem cumprir essa função, desde matérias jornalísticas e entrevistas até vídeos educativos, publicações em redes sociais, peças teatrais ou programas de rádio e televisão.

Esses discursos, apesar de se manifestarem por meio de múltiplas linguagens e suportes, compartilham entre si o compromisso com a

função instrucional e formativa, típica da divulgação científica. Nesse sentido, Moirand, Reboul-Touré e Ribeiro (2016) apontam que os gêneros utilizados nesse campo se caracterizam por uma hibridez linguageira, resultante da combinação entre elementos de diferentes tradições discursivas e linguísticas. Essa hibridez reflete, por um lado, a necessidade de tornar o conhecimento acessível e atraente a públicos diversos; por outro, reafirma a exigência de que a estrutura composicional do gênero seja coerente com os objetivos educativos e informativos da divulgação científica.

2.5 Novas perspectivas de formação para cientistas na divulgação científica, novas TICs e na linguística

Para que o cientista da informação esteja apto a atuar como mediador nos processos de divulgação científica, linhas de pesquisa e de ensino prático voltadas à mediação e a técnicas de produção textual também devem ser integralizadas como uma tendência curricular. Da mesma forma, novas perspectivas da formação devem abarcar as mais recentes tecnologias de informação e comunicação (TICs), bem como o uso de mídias sociais, principalmente, no que diz respeito a divulgação e disseminação da ciência.

O conceito de midiaticização, introduzido por Välvirronen (2008), refere-se à crescente onipresença da mídia como instância central em todas as esferas sociais (políticas, religiosas, econômicas e científicas), transformando-se em um agente decisivo na visibilidade pública e no financiamento da produção científica. Essa mediação midiática altera tanto a dinâmica de priorização de recursos quanto a própria lógica de produção do conhecimento, impondo critérios de repercussão pública e “marketability” dos resultados. Embora os esforços de popularização da ciência existam desde os primórdios da esfera pública mediada, práticas contemporâneas, como o marketing institucional e jornalismo científico, consolidaram o papel da mídia tradicional (telejornais, revistas, programas educativos)

como pontes entre ciência e sociedade (Mendes & Maricato, 2020).

Com a intensificação desse processo midiático, as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) promoveram transformações decisivas no acesso e na circulação da informação. A crise de confiança nos meios tradicionais elevou o protagonismo de plataformas digitais, principalmente redes sociais. O compartilhamento de achados científicos em redes como Instagram, YouTube, TikTok e Twitter tornou-se imperativo para pesquisadores e instituições, reforçando uma cultura de divulgação científica rápida ou perecer (“publish or perish”) (Välvirronen, 2008). Esse movimento também estimulou adaptações discursivas e visuais específicas de cada mídia, gerando novos gêneros de divulgação científica digital, com características multimodais: uso de imagens, animações, hiperlinks, estilo conversacional e linguagem acessível (Moirand; Reboul-Touré; Ribeiro, 2016).

A circulação de conteúdos em ambientes digitais expõe a construção de narrativas híbridas: texto, áudio, vídeo e elementos visuais se fundem, ampliando a superestrutura textual dos formatos tradicionais. Tais mudanças, entretanto, são ambíguas: embora possam ampliar o alcance e promover o pensamento crítico social, também geram riscos de desinformação e infoxicação. Comunidades virtuais tornam-se palco de engajamento espontâneo por parte de amadores sem formação especializada — tanto divulgação espontânea quanto comentários públicos alteram a textura discursiva dos conteúdos e potencializam ambientes informacionais instáveis (Oliveira & Oliveira, 2023). Segundo Moirand, Reboul-Touré e Ribeiro (2016), em contexto de crise, especialmente das sanitárias, esse fenômeno se acentua.

As NTICs e as redes sociais reconfiguraram o processo de mediação informacional, colocando o cientista da informação como agente central. Esse mediador assume a responsabilidade de selecionar, organizar, adaptar e disseminar conteúdos científicos de

modo acessível, responsivo e contextualizado. Em ambientes digitais, ele também precisa mapear públicos virtuais, entender métricas de visibilidade e engajamento, modular linguagens e aparatos visuais, quais sejam: infográficos, stories, lives, posts interativos e vídeos curtos. No caso do Instagram, por exemplo, o uso do formato “reels” ou “stories” exige síntese, narrativa visual e linguagem acessível ao público geral (Farias; Vavassori; Araújo, 2021).

Paralelamente, plataformas como Facebook e YouTube permitem feedback imediato da audiência, gerando ciclos discursivos que demandam moderação, curadoria e participação ativa do mediador. Oliveira (2018) ressalta que, embora essas redes não constituam canais formais de comunicação científica, elas vêm sendo empregadas como extensão dos processos formais, antecipando resultados, promovendo discussões preliminares e ampliando a transparência da ciência. Essa lógica também se materializou na adoção de eventos acadêmicos digitais em redes sociais, como conferências transmitidas ao vivo no YouTube.

Para formar profissionais adequados ao cenário contemporâneo, a formação dos cientistas da informação deve incluir competências voltadas ao uso estratégico das NTICs e redes sociais. O currículo deve contemplar habilidades como: produção de conteúdo multimodal (vídeo, áudio, imagem), elaboração de roteiros para narrativas digitais, entendimento das métricas de engajamento, análise de públicos online, utilização de ferramentas de SEO, gestão de perfis institucionais e pessoais, e compreensão da ética digital (desinformação, privacidade, direitos autorais). Laboratórios ou disciplinas voltadas à prática de mediação digital são recomendáveis, com estágios em portais de divulgação, assessorias de comunicação ou canais científicos. Assim, o profissional não será apenas um mediador textual tradicional, mas também um estrategista de comunicação digital capaz de promover ciência de forma responsiva, inclusiva e tecnicamente fundamentada.

A fundamentação em linguística aplicada é igualmente essencial para formar mediadores da informação aptos a operar com eficácia no ambiente digital da divulgação científica. O conhecimento linguístico permite compreender como diferentes gêneros discursivos (como posts, tweets, transcrições de vídeos, narrativas audiovisuais) se estruturam, quais recursos lexicais e pragmáticos empregam, e como modular a linguagem para variados públicos. Estudos sobre gêneros, enunciação, coerência textual, rede discursiva e mediação intertextual são especialmente relevantes.

Além disso, a compreensão dos mecanismos de persuasão discursiva, linguagem argumentativa e uso de analogias ou metáforas contribuem para produzir conteúdo claro, envolvente e confiável. A formação linguística também instrumentaliza os profissionais para problematizar e prevenir efeitos de desinformação, fake news e sensacionalismo na comunicação digital científica.

3 Procedimentos Metodológicos

Trata-se de uma pesquisa exploratória com perspectiva de discussão do referencial teórico em consonância com as indagações propostas. Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a temática, utilizando descritores relacionados na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI).

4 Resultados e Discussões

Os dados teóricos e conceituais apresentados evidenciam a crescente importância da atuação do cientista da informação como mediador do processo sociocognitivo de divulgação científica, especialmente em contextos digitais e multidisciplinares. A análise da literatura revela a necessidade urgente de reformulação curricular nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação, visando atender às novas demandas comunicacionais impostas pelas mídias digitais e pelas novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

Apesar de sua relevância estratégica, a presença do cientista da informação em equipes de divulgação científica ainda é incipiente e pouco quantificada. Não há dados oficiais, métricas institucionais ou relatórios que apontem o número de profissionais atuando em agências, núcleos de divulgação ou assessorias de comunicação científica. Essa ausência estatística não só compromete a visibilidade da área, como dificulta sua consolidação como campo essencial na mediação do conhecimento. O problema da pesquisa — como se configura a atuação dos cientistas da informação enquanto mediadores do processo sociocognitivo de divulgação científica em equipes profissionais multidisciplinares? — encontra, assim, resposta em duas frentes complementares: por um lado, o reconhecimento da centralidade de sua função; por outro, a constatação da subutilização de seu potencial em espaços institucionais voltados à popularização da ciência.

Neste cenário, a formação profissional precisa incorporar, formalmente, disciplinas voltadas à divulgação científica como parte integrante da mediação da informação. A abordagem dessa temática deve ser teórica, técnica e aplicada, contemplando tópicos como: fundamentos da divulgação científica, mediação sociocognitiva, linguagens multimodais, gêneros discursivos digitais, curadoria de conteúdos, avaliação de públicos e alfabetização científica. É imprescindível também o treinamento prático para o uso das TICs (ferramentas de edição de vídeo, infográficos, softwares de design, plataformas de automação) e para o manejo estratégico de mídias sociais (Instagram, TikTok, YouTube, X/Twitter), com vistas à produção e análise de conteúdos científicos em ambientes de interação digital.

Nesse sentido, uma revisão dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) torna-se indispensável. Embora alguns programas contemplem disciplinas voltadas à mediação da informação, são raras as iniciativas que associam diretamente mediação e divulgação científica em sua dimensão prática. Essa lacuna revela uma dissonância entre a formação

oferecida e as necessidades do campo profissional, especialmente frente à midiatização crescente da ciência e à cultura de circulação de conhecimento via redes digitais.

Paralelamente, as entidades de classe, como a FEBAB (Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições), o IBICT e os Conselhos Regionais de Biblioteconomia, precisam assumir um papel mais ativo na defesa e ampliação do campo de atuação desses profissionais, tanto em espaços institucionais quanto em políticas públicas de ciência, tecnologia e inovação. Isso inclui a promoção de eventos, publicações, fóruns e campanhas de valorização do profissional da informação como mediador da divulgação científica, bem como o estímulo à criação de cargos específicos para essa função em universidades, centros de pesquisa, museus de ciência e agências públicas.

Os resultados indicam que a atuação do cientista da informação em equipes multidisciplinares de divulgação científica é caracterizada por funções estratégicas como: diagnóstico de públicos, identificação de necessidades informacionais, curadoria e filtragem de conteúdos, adaptação linguística, mediação sociocognitiva, articulação entre saberes técnicos e públicos leigos, e fomento à alfabetização científica. Sua atuação não se sobrepõe, mas se complementa à de jornalistas científicos, ilustradores e relações públicas científicos, oferecendo uma visão sistemática do ciclo informacional e dos desafios da apropriação do conhecimento por diferentes segmentos sociais.

Todavia, para que esse profissional exerça tais funções com excelência, é imprescindível que a formação oferecida nos programas de pós-graduação não se restrinja ao domínio técnico-operacional da informação, mas inclua também fundamentos de linguística aplicada, teorias do discurso, cognição e práticas de produção textual adaptadas aos meios digitais. A mediação eficaz em contextos de divulgação científica requer, além da seleção e organização da informação, a capacidade de transformar complexidade em compreensão,

ajustando conteúdos especializados às realidades socioculturais dos públicos.

A importância da linguística nesse processo se dá por meio da compreensão dos mecanismos de produção de sentido em contextos de assimetria cognitiva. O domínio de estratégias discursivas adaptadas — como uso de analogias, narrativas, metáforas, linguagem acessível e modulação de registros — permite ao mediador construir pontes entre o saber científico e a experiência cotidiana do público. Além disso, os modelos de divulgação científica descritos por Moirand, Reboul-Touré e Ribeiro (2016), especialmente o de três vozes, reforçam a necessidade de um agente de recontextualização, papel que o cientista da informação pode e deve ocupar de maneira qualificada.

Por fim, os dados discutidos nesta seção apontam para uma necessária inflexão no campo da Ciência da Informação: a consolidação do cientista da informação como mediador sociocognitivo da ciência depende de uma revisão formativa, de uma valorização profissional ampliada e de políticas institucionais que reconheçam seu papel no ecossistema da comunicação científica contemporânea. Sem isso, a democratização do conhecimento e a construção de uma cultura científica ampla seguirão comprometidas.

Também pretende-se avaliar seu papel como mediador dessa informação específica, fazendo correlação com as teorias cognitivas e sociointeracionais de construção textual.

5 Considerações Finais

No atual cenário de midiatização e digitalização da ciência, a atuação do cientista da informação com foco em mediação revela-se não apenas relevante, mas estrategicamente indispensável para o fortalecimento de uma cultura científica plural, democrática e socialmente engajada. Sua contribuição na interface entre o conhecimento científico e a sociedade é ampla, estruturante e multifacetada. Ao mediar o acesso aos conteúdos produzidos pela ciência, esse

profissional não apenas facilita a circulação qualificada da informação, mas atua como um agente transformador da relação entre os sujeitos e o saber, promovendo uma apropriação crítica e reflexiva dos conhecimentos.

Nesse sentido, a mediação da informação voltada à divulgação científica ultrapassa a função técnica de organizar e disponibilizar dados. Ela adquire uma dimensão política e pedagógica, pois envolve o compromisso ético com a democratização do conhecimento, com a ampliação da autonomia cognitiva dos cidadãos e com o fortalecimento de uma opinião pública crítica e informada. O mediador da informação não atua apenas como um "intérprete" entre o saber especializado e o público leigo, mas como um facilitador das condições que permitem a construção coletiva de sentidos e a emancipação intelectual dos indivíduos diante da complexidade da ciência.

Esse papel é ainda mais relevante frente ao aumento exponencial de dados e à fragmentação dos espaços de circulação da informação, especialmente nas redes sociais digitais. Se, por um lado, essas plataformas ampliaram o acesso e democratizaram os meios de produção de conteúdo, por outro, criaram ambientes informacionais sobrecarregados e muitas vezes caóticos, onde desinformações, pseudociências e simplificações indevidas encontram terreno fértil. Diante disso, o cientista da informação atua como curador e orientador crítico do fluxo informacional, contribuindo para construir filtros sociais e cognitivos que possibilitem aos sujeitos navegar, avaliar e interpretar adequadamente os dados disponíveis.

Nesse contexto, a construção de ambientes informacionais mais democráticos depende diretamente da presença de profissionais preparados para pensar e agir sobre os processos de mediação de forma estratégica e interdisciplinar. O cientista da informação com esse perfil atua na criação de ecossistemas comunicativos capazes de estabelecer diálogos horizontais entre ciência e sociedade, respeitando os saberes prévios, os repertórios

culturais e os contextos de vida dos diferentes públicos. Trata-se de uma abordagem que rompe com a lógica verticalizada e transmissiva da informação científica, promovendo, em seu lugar, interações dialógicas e inclusivas, onde o conhecimento é construído e apropriado coletivamente.

Outro aspecto fundamental da atuação desse profissional diz respeito à adaptação linguística e discursiva dos conteúdos científicos. O sujeito que assume o papel de divulgador científico deve dominar procedimentos de recontextualização, ou seja, técnicas de tradução conceitual, modulação de linguagem, uso de metáforas, analogias, recursos visuais e narrativos, de forma a possibilitar a compreensão sem incorrer em reducionismos ou paternalismos. Essa tarefa exige uma sensibilidade sociolinguística e cognitiva refinada, que permita identificar e sanar lacunas prejudiciais à compreensão, sem tornar a comunicação repetitiva, superficial ou condescendente. O objetivo central é garantir que a ciência seja comunicada com clareza, sem abrir mão da complexidade que a caracteriza, respeitando tanto os limites do público quanto os princípios epistemológicos do conhecimento científico.

Para alcançar tais objetivos de maneira consistente, é urgente que os currículos dos cursos de graduação e, especialmente, dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação sejam reformulados para incluir de forma sistemática e estruturada linhas de pesquisa e disciplinas práticas voltadas à mediação da informação em contextos de divulgação científica. Atualmente, embora existam discussões isoladas e iniciativas pontuais, a formação dos profissionais da informação ainda carece de integração entre teoria, prática e interdisciplinaridade, aspectos fundamentais para uma atuação efetiva no campo da comunicação científica.

Essa reformulação curricular deve contemplar, entre outros temas: fundamentos da divulgação científica; gêneros e formatos textuais voltados à popularização da ciência; teorias da linguagem aplicadas à mediação; estratégias discursivas em ambientes digitais;

competências informacionais críticas; curadoria de conteúdo; e uso estratégico de novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs), especialmente aquelas relacionadas à produção de conteúdo para redes sociais. Plataformas como Instagram, TikTok, YouTube e X (antigo Twitter) já são utilizadas por cientistas e instituições como ferramentas de diálogo com a sociedade. No entanto, sua utilização de forma profissional e com objetivos pedagógicos ainda é subaproveitada. Cabe à formação preparar os futuros profissionais para atuar nesse universo de forma ética, reflexiva e eficaz.

É igualmente importante que os cursos estimulem a participação dos estudantes em experiências práticas, como laboratórios de comunicação científica, projetos de extensão voltados à popularização da ciência, desenvolvimento de produtos informacionais multimídia e atuação em equipes multidisciplinares. Essas vivências promovem a integração entre teoria e prática, permitindo que os futuros mediadores compreendam os desafios reais da comunicação científica e desenvolvam competências que vão além do domínio técnico da informação.

Ainda assim, apesar de seu papel fundamental, a presença de cientistas da informação em equipes especializadas de divulgação científica ainda é tímida e pouco reconhecida institucionalmente. Não existem dados sistematizados sobre a participação desses profissionais em assessorias de imprensa, agências de comunicação científica, museus, centros de ciência ou unidades de divulgação em instituições públicas e privadas. Essa ausência estatística reflete uma invisibilização estrutural da profissão, agravada pela falta de políticas públicas e de diretrizes institucionais que reconheçam o mediador da informação como ator central no ecossistema da ciência aberta e da comunicação pública do conhecimento.

Neste contexto, as entidades de classe e representações profissionais — como a FEBAB, os Conselhos Regionais de Biblioteconomia, a ANCIB (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação), entre

outras — precisam assumir um papel mais propositivo e combativo na luta pela ampliação do campo de atuação dos profissionais da informação. Isso inclui ações como: articulação com agências de fomento e órgãos governamentais; proposição de políticas públicas voltadas à inclusão desses profissionais em espaços de comunicação científica; campanhas de valorização da profissão; estímulo à criação de linhas de pesquisa e programas de formação continuada; e articulação com outras áreas para fortalecer a multidisciplinaridade da divulgação científica.

Outro aspecto central para a consolidação da mediação da informação como campo estratégico na divulgação científica é a aproximação teórica e metodológica com os estudos linguísticos. Como já mencionado, a eficácia comunicativa em contextos de divulgação depende da capacidade de reconhecer e administrar os diferentes contextos sociocognitivos dos interlocutores, o que exige conhecimento profundo sobre mecanismos de produção e recepção textual, sobre variações linguísticas, gêneros discursivos e processos inferenciais. O domínio dessas competências linguísticas permite ao cientista da informação adaptar conteúdos especializados de forma acessível, mantendo sua integridade conceitual, e construir pontes comunicativas entre comunidades epistêmicas distintas.

A mediação sociocognitiva, nesse sentido, torna-se o eixo integrador entre as dimensões técnica, linguística e ética da divulgação científica. Trata-se de uma mediação que não se limita a traduzir conteúdos, mas que atua na gestão dos saberes, na reconfiguração discursiva e na promoção de uma cultura de participação ativa na construção do conhecimento. O cientista da informação, preparado para esse tipo de intervenção, passa a ser não apenas um intermediário entre ciência e sociedade, mas um agente de transformação cultural, com capacidade de incidir na forma como o conhecimento é produzido, divulgado e apropriado pela coletividade.

Dessa forma, é possível afirmar que o futuro da divulgação científica depende, em grande medida, do reconhecimento institucional, acadêmico e social da importância dos profissionais da informação com perfil de mediação. Para que isso se concretize, é necessário promover uma convergência de esforços entre universidades, entidades de classe, instituições de pesquisa, políticas públicas e a própria sociedade. Somente assim será possível construir um campo de divulgação científica verdadeiramente democrático, inclusivo, crítico e voltado à promoção do bem comum.

Em síntese, o cientista da informação com foco em mediação não é apenas um técnico do dado, mas um gestor do sentido, um curador do saber, um articulador do diálogo social. Sua atuação promove a apropriação qualificada dos conteúdos científicos, o fortalecimento da cidadania informacional e a construção de uma sociedade mais crítica, participativa e capaz de tomar decisões fundamentadas em conhecimento. Preparar esse profissional para os desafios do século XXI exige ousadia curricular, compromisso político e visão interdisciplinar. A mediação da informação, nesse novo cenário, deixa de ser uma competência periférica para se tornar um eixo estruturante da comunicação científica e da própria prática social da ciência.

O sujeito que assume o papel de divulgador científico deve dispor de procedimentos que possibilitem a adequação dos conhecimentos socioculturais, de forma a atender ao interlocutor e estabelecer o entendimento, evitando uma comunicação repetitiva ou condescendente e, ao mesmo tempo, sanando lacunas prejudiciais ao entendimento.

Para tanto, linhas de pesquisa e de ensino prático voltadas à mediação e a técnicas de produção textual também devem ser integralizadas como uma tendência curricular para que esses profissionais estejam cada vez mais habilitados a atuar nesse sentido.

Referências

- Albagli, S. (1996). Divulgação científica: Informação científica para cidadania. *Ciência da Informação*, 25(3).
<https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/639>
- Almeida Júnior, O. F., & Santos Neto, J. A. D. (2014). Mediação da informação e a organização do conhecimento: Interrelações. *Informação & Informação*, 19(2), 98–116.
<https://doi.org/10.5433/1981-8920.2014v19n2p98>
- Azevedo, J., Aires, L., & Couto, A. I. (2005). Os processos de mediação de ciência em televisão: Efeitos sobre a sua eficácia comunicativa. *Prisma.com*.
- Borchelt, R. E. (2014). Public relations in science: Managing the trust portfolio. In M. Bucchi & B. Trench (Eds.), *Routledge handbook of public communication of science and technology* (2nd ed., pp. 147–157). Routledge.
- Bueno, W. C. (2010). Comunicação científica e divulgação científica: Aproximações e rupturas conceituais. *Informação & Informação*, 15(Esp.), 1–12.
<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6585>
- Burns, T. W., O'Connor, J., & Stocklmayer, S. M. (2003). Science communication: A contemporary definition. *Public Understanding of Science*, 12(2), 183–202.
https://www.researchgate.net/publication/237778208_Science_Communication_A_Contemporary_Definition
- Cabral, T. D. S., & Souza, E. D. (2022). A mediação da informação na divulgação científica: Abordagem crítica no contexto das tecnologias digitais. *Folha de Rost: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 8(2), 322–341.
<https://doi.org/10.56837/fr.2022.v8.n2.890>
- Fachin, J. (2013). Mediação da informação na sociedade do conhecimento. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, 8(2).
<https://doi.org/10.22478/ufpb.1981-0695.2013v8n2.18699>
- Johnsen, H. B. (2022). Graphical abstract? Reflections on visual summaries of research [Master's thesis, Aalto University]. Aalto University Repository.

- Koch, I. G. V. (1996). Cognição e processamento textual. *Revista da ANPOLL*, (2), 35–44. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i2.239>
- Koch, I. G. V. (2015). Desvendando os segredos do texto (8ª ed.). Cortez.
- Koch, I. G. V. (2020). O texto e a construção de sentidos (10ª ed.). Contexto.
- Marcuschi, L. A. (2008). Gêneros textuais: Teoria, método e pesquisa. Parábola.
- Marcuschi, L. A. (2021). Gêneros textuais e ensino (9ª ed.). Parábola.
- Mendes, C. F., & Maricato, J. (2020). Divulgação científica e mídia: Uma análise do discurso sobre a ciência no jornalismo. InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação, 11(2), 44–63. <https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v11i2p44-63>
- Moirand, S., Reboul-Touré, S., & Ribeiro, M. P. (2016). A divulgação científica no cruzamento de novas esferas de atividade linguageira. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, 11(2), 137–163. <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/23847>
- Moraes, M. B. de. (2019). Mediação informativo-cultural: E a formação dos mediadores? *Ciência da Informação em Revista*, 6(2), 69–89. <https://doi.org/10.28998/cirev.2019v6n2e>
- Nascimento, I. L. G. (2023). A divulgação científica sobre a Covid-19 no Instagram: Análise sociointeracionista no perfil institucional da Universidade Federal de Alagoas [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Alagoas]. Repositório da UFAL.
- Oliveira, L. F. M. (2018). Ciência na rede: Divulgação científica nas mídias sociais digitais [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista]. <https://hdl.handle.net/11449/156382>
- Oliveira, L. F. M., & Oliveira, A. M. R. (2023). Ambientes informacionais e cultura digital: Desafios para a mediação da informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 28(1), 182–198. <https://doi.org/10.1590/1981-5344/7006>
- Van Dijk, T. A. (2020). Discurso e conhecimento: Uma abordagem sociocognitiva. Contexto.
- Vanoye, F. (2007). Usos da linguagem: Problemas e técnicas na produção oral e escrita (13ª ed.). Martins Fontes.
- Välvirronen, E. (2008). Communicating political science: A survey of political scientists in Finland. *European Political Science*, 7(3), 299–309. <https://doi.org/10.1057/eps.2008.21>